

(IN)CERTEZAS DO ENSINO TÉCNICO E TECNOLÓGICO NAS VOZES DOS ALUNOS

Liane Velloso-Leitão – liane.leitao@ifpb.edu.br
Vanda Lúcia Batista dos Santos Souza – vanda.souza@ifpb.edu.br
Claudenice Alves Mendes – claudenice.mendes@ifpb.edu.br
Jeferson Gonçalves Moraes – jeferson.morais@academico.ifpb.edu.br
Luciana Ferreira Miranda – lucianaferreira911911@hotmail.com
IFPB – Campus Cajazeiras
Rua José Antônio da Silva, 300, Bairro Jardim Oásis
58900-000 – Cajazeiras - PB

Resumo: *Este trabalho, fundamentado na Linguística Aplicada e na Pedagogia, tem por objetivo, via diálogo transdisciplinar, analisar como as representações sobre a experiência pessoal e acadêmica de alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) podem contribuir para uma melhor compreensão do trabalho do engenheiro-professor. Para tanto, tomamos como aporte teórico o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) que analisa, por meio de texto, as representações do homem. Aliada a essa teoria, conceitos fundamentais da Pedagogia sobre a interação professor/aluno, ensino e aprendizagem e o trabalho do professor apoiam esta pesquisa. Nosso corpus é formado por dois textos produzidos por alunos, de cursos distintos, do campus IFPB- Cajazeiras, nos quais abordam o processo de decisão pelo ensino técnico e tecnológico, a relação com os professores e os momentos mais difíceis. Sendo assim, selecionamos como categoria de análise os conteúdos temáticos, que por meio de uma abordagem descendente, propõe um entendimento do texto a partir de temas escolhidos. A partir da análise dos dados, identificamos a necessidade de ouvir e interpretar as vozes dos alunos a fim de que estratégias sejam criadas para evitar a evasão escolar, melhorar o rendimento acadêmico e contribuir para o seu desenvolvimento humano e pessoal. Além disso, ações direcionadas para o trabalho e a formação docente estão sendo propostas, como um novo olhar sobre as reuniões didático-pedagógicas, criação de formações específicas para esse contexto de educação e programas de divulgação dos cursos para os alunos.*

Palavras-chave: *Linguística Aplicada. Pedagogia. Interacionismo Sociodiscursivo. Alunos. Trabalho docente.*

1 VOZES INTRODUTÓRIAS

Compreender o trabalho para transformá-lo é o motor que conduz as pesquisas na Ergonomia Francesa (GUÉRIN et al, 2001), ao convidar todos os envolvidos na atividade “a observar do mais perto possível o que liga as condições materiais e organizacionais do trabalho a seus resultados” (op.cit., p.XII). Tomando como pano de fundo deste trabalho a compreensão do trabalho docente, com a sua opacidade (BRONCKART, 1999, 2006) que demonstra o quão difícil é falar dele, direcionamos o nosso olhar sobre a compreensão dos alunos.

Para compreender esse trabalho é necessário entender o aluno como sendo um dos atores sociais que regula, orienta, avalia e (re)configura as nossas ações docentes. É também para/por ele que planejamos nossas aulas, desenvolvemos avaliações diversas, pesquisamos em livros e na internet, conversamos com os nossos pares, visitamos empresas atuantes no mercado de trabalho, estudamos, refletimos acerca do que fazemos, e, sobretudo, aprendemos a enxergar o lado mais humano desse indivíduo e de nós mesmos.

A fim de contemplar esse sujeito, é que buscamos por meio de textos produzidos por alunos do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), analisar as suas representações acerca de várias situações que os constituem enquanto discentes e seres humanos singulares e únicos. Nesse sentido, destacamos a importância do papel da linguagem nessa construção de sentidos e de interpretações sobre a realidade que os cerca.

Sendo assim, esta pesquisa, localizada no terreno da Linguística Aplicada (LA) transdisciplinar (CELANI, 1998), propõe um diálogo com a Pedagogia que se configura enquanto “ciência da educação, cujo domínio se encontra na especificidade do fenômeno educacional, tanto no plano da teoria quanto da prática” (FARIAS, et.al, 2011, p. 21). Para além desse diálogo entre duas áreas das Ciências Humanas, este trabalho apresenta as interpretações de dois alunos-autores¹ sobre as vozes dos colegas-colaboradores. Propomos, dessa maneira, um imbricamento de interpretações entre professora/pesquisadora, pedagogas/pesquisadoras e alunos, todos situados no IFPB, campus Cajazeiras.

Esse deslocamento do nosso ponto de observação – da voz do professor para a voz do aluno-, é um dos desafios que assumimos a fim de ampliar o que conhecemos sobre o trabalho do engenheiro-professor do IFPB. Segundo Saujat, o trabalho é “um enigma” (GUIMARÃES, MACHADO e COUTINHO, 2007, p.9) e, sendo assim, precisa ser observado sobre vários ângulos e olhares. Conhecer o nosso aluno, é ampliar o nosso escopo de atuação, é investir em novas maneiras de agir, é procurar modos de aprendizagem que levem ao desenvolvimento profissional e humano desses nossos parceiros no sistema educacional.

Portanto, este trabalho está estruturado em quatro seções: a primeira, o nosso aporte teórico; a segunda, a metodologia e os colaboradores da pesquisa; a terceira, as análises e por fim, as considerações finais.

2 VOZES TEÓRICAS

Neste trabalho, lançamos um olhar transdisciplinar sobre as representações de alunos da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) acerca da sua realidade em um dos *campi* do IFPB, sem perder de vista a formação do engenheiro-professor e a compreensão do seu trabalho. Sob esse terreno, a LA e a Pedagogia dialogam, interpretando e analisando as vozes desses alunos, ao mesmo tempo em que assumem e compartilham a preocupação com o social e com o humano. Principalmente, quando o contexto é o da Educação Básica Técnica e Tecnológica (EBTT), que une professores com formação docente e professores sem essa formação específica.

Para que essas vozes transdisciplinares sejam produzidas, mudanças são demandadas. Segundo Celani (1998), “a mudança envolve a necessidade de se alterar quem somos e como interagimos com o meio a nossa volta” (p.140). Outros diálogos, parceiros, sujeitos de pesquisa, interpretações e abordagens são relevantes para a construção de conhecimentos. Dessa forma, analisamos aqui as vozes dos alunos.

¹ Este artigo foi produzido por uma professora de Língua Inglesa, duas pedagogas e dois alunos do IFPB campus Cajazeiras. Sendo assim, utilizamos o termo “alunos-autores” para diferir dos alunos sujeitos da pesquisa.

Alguns estudiosos, como Freire (2013), por exemplo, apontam que, mesmo em se tratando dos mais diversos âmbitos, o processo de formação docente nunca está acabado: o processo é inacabado, haja vista que o próprio ser humano é e sempre será inacabado. Nesse sentido, a relação ensino/aprendizagem não é estática: transforma-se a depender do meio onde a instituição escolar está inserida e do perfil dos alunos que nela se encontram. Desse modo, tal relação demanda uma estruturação do agir docente, a partir de posturas reflexivas e dialógicas ativas, trazendo o docente para a posição de ator da sua própria prática. As reflexões não devem se resumir a como o aluno aprende ou em quais situações ele aprende ou até mesmo como ele se encontra emocionalmente/socialmente. Elas devem perpassar todo o caminho da prática docente em busca de métodos e ações para o alcance dos objetivos propostos. Da mesma forma, buscamos nos alunos, por meio do diálogo, esse processo reflexivo que alimenta o seu pensar e estrutura o seu agir.

Sendo assim, esta pesquisa se propõe a interpretar esse ator do sistema educacional que interage continuamente com o docente, regulando e adaptando o seu agir. Analisar as suas representações acerca das experiências pessoais e acadêmicas no IFPB é o caminho que nos propomos a seguir para compreender o trabalho docente, sob outro prisma: o do aluno.

3 VOZES METODOLÓGICAS

Os dados produzidos e analisados neste artigo provêm de produções textuais de dois alunos do IFPB²: são relatos de experiências sobre a sua relação com a instituição, os cursos, os professores, os colegas, perpassados pelos conflitos, pelas dificuldades, mas também pelas alegrias desse contexto de ensino técnico profissionalizante. Os textos foram produzidos ao término do ano letivo de 2017. Nossos dois colaboradores, Ezio e Lindsey (nomes fictícios), são alunos atualmente do Curso Superior de Engenharia Civil e do Curso Integrado de Edificações, respectivamente.

Ezio, aos 18 anos de idade, possui uma trajetória no IFPB que se iniciou em 2013, com o Curso Técnico Integrado³ em Eletromecânica e que foi finalizado em 2016, momento no qual foi reconhecido na cerimônia de formatura como melhor aluno da turma. Hoje, ele se dedica ao 3º período do Curso Superior de Engenharia Civil, iniciado em 2017 e cujo término será em 2021. Ao terminar o curso técnico, Ezio optou, primeiramente, pelo Curso Superior de Tecnólogo em Automação Industrial, porém, migrou para o Curso de Engenharia Civil, que segundo ele, por preferir “pela formação em bacharelado em relação à de tecnólogo”.

Lindsey, moradora de São José de Piranhas, cidade a 33km de Cajazeiras, aos 17 anos, cursa o último ano do Curso Técnico Integrado de Edificações. Para ela, “o fato de ter que acordar cedo é desgastante, mesmo depois de um tempo você ainda não se acostuma direito. Muitas vezes tive que abrir mão de um curso à parte ou sair mais cedo da aula no período da tarde por conta do horário do transporte”. Contudo, essa realidade não impediu Lindsey de se aventurar mais no IFPB: além do curso técnico, ela foi aluna do curso de japonês oferecido por um dos engenheiros-professores do campus e do curso de alemão, ministrado pelo ex-professor de Filosofia no ano passado.

² Esses dois alunos foram escolhidos por serem dedicados aos seus cursos, participarem dos eventos promovidos pelo campus tanto como participantes quanto como monitores e estarem sempre com um brilho nos olhos, ávidos por conhecimento.

³ O Curso Técnico Integrado corresponde ao Ensino Médio, porém, de natureza técnica profissionalizante. A duração do curso é de quatro anos e os alunos se formam como técnicos em Eletromecânica, Edificações e Informática (cursos oferecidos pelo campus Cajazeiras).

Ezio, diferentemente de Lindsey, nossa segunda colaboradora, mora na própria cidade de Cajazeiras. Salientamos que muitos alunos desse campus provêm de cidades localizadas nas adjacências, com longas distâncias, transporte precário e estradas sem conservação, fatores esses que precisam ser levados em consideração pelo professor em seu planejamento. Os desgastes físico, emocional e psicológico são variáveis que nós, professores, não podemos deixar à parte no processo de ensino e aprendizagem.

Para a análise dos textos produzidos, adotamos o ISD (BRONCKART, 2006, 2009) sob dois vieses: o primeiro, pelo papel assumido pela linguagem e o segundo, pela adoção da categoria de análise. Como dito na seção anterior, é por meio da linguagem, materializada nos textos, que temos acesso às representações do homem acerca do mundo que em vive. Pensando no mundo do aluno e em suas vozes, selecionamos como categoria os conteúdos temáticos (CTs), que se revelam como uma forma de abordar o texto em temas, conduzindo a leitura dos dados e a posteriori, a análise. Desse modo, selecionamos três CTs:

- CT1: Primeiros passos no IFPB

Neste CT, analisaremos as representações de Ezio e Lindsey acerca da escolha do curso, das influências dos outros nessa decisão, das suas expectativas e da realidade encontrada.

- CT2: Passos difíceis

Este CT traz as falas de Ezio e Lindsey referentes às dificuldades apresentadas na nova realidade escolar que tiveram que enfrentar, pois ambos vieram de escolas de ensino regular, com uma vivência bem diferente da do IFPB.

- CT3: Passos com os professores

As representações acerca das interações com os professores foram abordadas neste último CT, que apresenta os professores como motivadores e também desmotivadores no processo de ensino e aprendizagem. Professores das áreas técnicas e da formação geral⁴ foram citados pelos participantes da pesquisa como influenciadores do seu agir.

Diante desse panorama, seguimos para a análise dos dados.

4 VOZES DOS ALUNOS

As representações de Ezio e Lindsey que retratam suas concepções, crenças, desafios, angústias e alegrias no IFPB serão analisadas a partir das interpretações provenientes da LA e da Pedagogia, como dito anteriormente e também de dois alunos-autores.

4.1 CT1: Primeiros passos no IFPB

Este CT é composto por um segmento de Lindsey e dois de Ezio que descrevem como se tornaram alunos do IFPB.

Segmento 01:

LINDSEY: Quando entrei no IFPB não tinha muitas expectativas, entrei forçada pela minha mãe. De início não gostei muito, estava em um lugar estranho e não conhecia ninguém. Foi uma quebra da realidade para mim, pois era muito tímida e horrível para fazer amigos novos. Conforme os dias aqui passavam, fui me apegando a colegas e a professores nessa jornada, nunca iria imaginar que podia gostar daqui.

Lindsey começa a sua fala trazendo a mãe como a responsável pela sua entrada no IFPB, o que revela uma frustração, inferida pelo uso do adjetivo “forçada”. Ela não teve escolha e

⁴ Os professores da formação geral são aqueles que ministram as disciplinas regulares do Ensino Médio.

por isso, “não tinha muitas expectativas”. Essa é uma realidade no nosso campus: muitos alunos, principalmente os que vão cursar o ensino médio técnico, entram por escolha de terceiros. Esse é um indicador de como o outro influencia e regula, muitas vezes, o nosso poder de escolha e de agir.

Para Lindsey, o início foi muito difícil, pois “foi uma quebra da realidade” para ela, “muito tímida e horrível para fazer novos amigos”. Essas representações produzidas por uma adolescente apontam para o conflito de estar em um ambiente o qual não estava preparada ou não se interessava, além do próprio conflito identitário proveniente da adolescência, fase em que o indivíduo sofre muitas mudanças e nem sempre está preparado para elas.

Pensando em Lindsey nos primeiros dias em sala de aula e na interação com os professores, como será que ela se comportava, se sentia e estudava? Será que os seus professores perceberam esses conflitos pelos quais passava? Conflitos que provavelmente eram partilhados por vários outros estudantes, mesmo que não soubessem.

Iniciar uma turma não é só um desafio para o aluno. O professor também é desafiado: é um mundo novo que ele precisa conhecer, se estabelecer, compartilhar os conhecimentos e torna-lo propício para o ensino e aprendizagem. Ter domínio do conteúdo, das metodologias, ter anos de experiência, por exemplo, não são credenciais que deixam esse profissional em uma posição confortável. Saber lidar com essa realidade se faz necessária ao professor, sobretudo para aqueles cuja formação está voltada exclusivamente para a área técnica, como é o caso do engenheiro-professor. Conhecer e enxergar o seu aluno, colocar-se no lugar dele, lembrar-se de quando era aluno e refletir sobre a sua prática são relevantes nesse processo.

Contudo, a decisão da mãe parece ter sido acertada, tanto que Lindsey diz que “nunca iria imaginar que podia gostar daqui”. E justifica esse gostar com um verbo muito significativo: “fui me apegando a colegas e a professores nessa jornada”. “Apegar” denota um sentimento de conforto, segurança, estabilidade e afetividade materializados pelos colegas e professores. As interações sociais que Lindsey realizou foram fundamentais para a superação das suas primeiras dificuldades naquele “lugar estranho”.

Sob o olhar de um dos alunos-autores, diz ele: “Achei interessante a mãe da Lindsey a obrigar a estudar no IFPB. Apesar de não se sentir confortável no início, logo passou para um cenário agradável, o qual considero muito positivo, já que torna mais saudável e com maior aproveitamento essa jornada”.

Ainda neste CT, os próximos segmentos retratam os caminhos percorridos por Ezio.

Segmento 02:

EZIO: A escolha do Curso Técnico Integrado em Eletromecânica não partiu de mim, pois no momento da escolha eu era muito jovem e não sabia qual curso escolher. Isso motivou com que eu pedisse ajuda aos meus pais. Meu pai tem um amigo e o filho dele tinha feito esse mesmo curso aqui e disse que era muito bom. A partir disso, ele pediu que eu fizesse, já que eu não tinha uma preferência por nenhum dos cursos. Hoje, vejo que eu deveria ter feito informática.

Segmento 03:

EZIO: Em 2017, ao terminar o curso técnico eu prestei o vestibular, inicialmente sem nenhum curso em mente. Só sabia que seria algum curso na área de Exatas. Na hora de escolher o curso, eu escolhi o curso de Bacharelado em Engenharia Civil no IFPB – Campus Cajazeiras. É isso mesmo: voltei para o IFCZ e vou te dizer o porquê dessa escolha: quando cheguei no IF em 2013 eu era um jovem de 14 anos, não com sonhos e objetivos, apenas queria terminar o curso, todavia eu não imaginava que o IFPB iria marcar tanto a minha vida com fez. Logo no início vi que era maior que todos os lugares que já tinha imaginado estudar e isso me marcou, pois com o montante de professores e profissionais capacitados, eu vi que poderia ir além do curso que eu tinha sido aprovado, e eu passei a querer mais.

Interessante notar que nos segmentos 2 e 3, que reportam dois períodos da sua formação educacional, Ezio esteve em dúvida sobre qual curso seguir. No primeiro excerto, a idade foi um fator preponderante para a não decisão: sua escolha se deu por meio da influência de outra pessoa. Mais uma vez temos o papel do outro na escolha de um adolescente pelo curso que deve seguir. Se pensarmos que estamos analisando as representações de dois alunos e que ambos tiveram o poder de decisão delegado a outrem, podemos inferir que isso seja recorrente no nosso contexto, o qual consideramos como um fator a ser estudado.

A decisão pelo Curso Integrado de Eletromecânica não foi a melhor para Ezio. Segundo ele: “hoje, vejo que eu deveria ter feito Informática”. Apesar de cursar por quatro anos uma área que não era a sua preferida, Ezio foi o melhor aluno da sua turma, o que nos faz inferir que ele deve ter recebido influências positivas durante o curso. Tanto que ele, no momento de escolher pelo curso superior, tinha apenas uma certeza: a área de Exatas. E ele deixa claro o papel do IFPB como construtor das suas identidades como aluno, como futuro profissional e, sobretudo, como indivíduo: “eu não imaginava que o IFPB iria marcar tanto a minha vida como fez. Logo no início vi que era maior que todos os lugares que já tinha imaginado estudar e isso me marcou, pois com o montante de professores e profissionais capacitados, eu vi que poderia ir além do curso que eu tinha sido aprovado, e eu passei a querer mais”. Quando ele cita o IFPB, traz os “professores e os profissionais capacitados”, que assumimos como sendo uma indicação do papel que uma instituição exerce no desenvolvimento das pessoas, na importância das interações, no que aprendemos com os outros e de que convivemos e nos desenvolvemos na coletividade.

Sobre esses dois excertos, a interpretação do aluno-autor também evidenciou o papel do outro: “Percebi que mesmo sem saber muito qual curso seguir, sabia que era de Exatas. [...] Não escolheu o curso técnico: foi por indicação do filho de um amigo do pai”.

Finalizamos assim, a análise dos primeiros passos de Ezio e Lindsey no IFPB. Seguimos agora para os momentos difíceis enfrentados.

4.2 CT2: Passos difíceis

Esse CT traz dois segmentos que tratam das dificuldades que Lindsey e Ezio enfrentam(ram) no IFPB. Enquanto ela evidencia o sentimento de desistência, ele realça os aspectos que envolvem as disciplinas do curso.

Segmento 4:

LINDSEY: O começo é difícil, dá muita vontade de desistir, professores doidos, e mesmo assim, continuamos até o fim. [...] Não entendo os alunos que desistem antes do final de seus cursos, costumamos dizer que no IF sofremos muito, somos afastados da cidade [...] mas continuamos aqui.

Segmento 5:

EZIO: A pressão gerada pelo grande número de assuntos pra estudar, grande número de avaliações e principalmente a proximidade entre as avaliações que chegam a cair no mesmo dia.

Se analisarmos, sob a vertente linguística os adjetivos e os verbos desses dois segmentos, há evidências de sofrimento e de inquietude nos dois alunos. Os adjetivos “difícil” e “doidos” e os verbos “desistir”, “desistem”, “sofremos” desenharam um panorama que não é agradável para quem está inserido nesse contexto. Lindsey recorre ao coletivo de alunos, evidenciado pelos verbos na primeira pessoa do plural, para expressar que esse sentimento não é apenas seu. Suas escolhas linguísticas apontam para um falar voltado para a dimensão cognitiva,

psicológica e afetiva do indivíduo.

Esses passos difíceis retratados por Lindsey são analisados pelo aluno-autor da seguinte maneira: “as dificuldades de adaptação e os professores com didáticas e personalidades únicas, que causam desconforto, geraram desmotivação. Todavia, ela mesma não entende como existem alunos que desistem antes do fim do curso”.

No caso de Ezio, as suas representações de dificuldades estão centradas no currículo do curso: os assuntos e as avaliações. O tempo é um elemento prescritor do seu agir enquanto aluno e que mobiliza várias dimensões que o constituem, porque ele sente uma pressão quando as avaliações “chegam a cair no mesmo dia”. Consequentemente, identificamos o agir do professor por meio de inferência, pois as avaliações são desenvolvidas e marcadas por ele.

4.3 CT3: Passos com os professores

Os professores possuem um papel importante na formação do aluno, tanto nos aspectos relacionados à construção do conhecimento científico quanto às questões de ordem afetiva, emocional e relacional. O que o professor faz em aula, por menor que seja, influencia na formação dos alunos (ZABALA, 1998) e não escapa ao juízo que fazem dele, que independentemente da postura que adota, jamais passa pelos alunos sem deixar a sua marca. (FREIRE, 2013). Isto posto, apresentamos os próximos segmentos.

Segmento 06:

LINDSEY: “Muitos alunos acham ruim quando o professor interrompe a aula para falar da sua vida pessoal (outros gostam, aproveitam para dormir, conversar e ficar no celular), mas quando se tem um “prof.” que já viajou muito, trabalhou na sua área, ou até mesmo sobre uma dica de xadrez, é muito legal. Geralmente, em escolas particulares, os “profs.” tem que aproveitar cada segundo da aula, e quando toca (sinal de que a aula acabou) praticamente todos os alunos saem, aqui é diferente. Já vi muitas vezes alunos ajudarem os profs. e conversar com eles, ajudar com relação a carreira a qual seguir, sobre um problema pessoal, afinal são pessoas como nós, só que muito mais inteligentes e experientes, então, temos que aproveitar para aprendermos o máximo possível com eles. Mesmo quando não gosto muito de um professor, procuro trata-lo com o máximo de respeito possível, já que ele deve ter passado por muita coisa para estar onde está”.

Esse trecho é significativo sobre a relação que se estabelece entre professor e aluno no ambiente escolar e como os saberes desses profissionais podem ser influenciadores para aqueles que querem escutar, discutir e aprender. É perceptível que não apenas os saberes específicos da Engenharia e da Docência constroem essa relação, pois Lindsey cita as experiências pessoais e de viagens dos professores e as dicas de xadrez. Compreendemos assim, que esses são alguns dos elementos que estreitam e tornam mais dinâmica a interação social.

Há também uma comparação entre o ensinar na escola particular e na escola pública, que ela aponta como “aqui é diferente”. É diferente, segundo ela, porque os alunos ajudam os professores, conversam com eles, falam sobre carreira e problemas pessoais. Parece que o ambiente do IFPB é mais propício para esse estreitamento de relação, permeada pelo respeito e pelo senso de humanidade que Lindsey destaca da seguinte forma: “[...] afinal, são pessoas como nós”. A equipe multidisciplinar da instituição tem um papel importante nessa representação da aluna, haja vista que muitos assuntos tratados entre professores e alunos são direcionados para os profissionais específicos, como os pedagogos e os psicólogos.

A observação que a aluna faz em relação à postura desses professores é corroborada por Freire (2013) que, ao falar sobre a necessidade de o professor estar aberto ao gosto de querer

bem aos educandos, ressalta que a educação não pode ser entendida “como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista” (p. 164-165).

Sobre esse posicionamento de Lindsey, o autor-aluno considera que: ela “demonstra muita admiração e respeito pelos colegas e professores, vendo esses últimos até mesmo como uma figura ‘paterna’⁵ e não só como uma biblioteca de conhecimento ambulante, capazes de ajudar com problemas extra classe”.

Segmento 7:

EZIO: “Alguns professores foram muito marcantes nessa jornada, posso citar Vagner⁶, que posso dizer que foi o meu maior influenciador, pois logo no início me colocou em uma equipe de robótica e assim proporcionou diversas viagens e eventos durante todo o curso e até mesmo depois do término, no momento em que ele me convocou pra ir mostrar tudo que tínhamos desenvolvido no ENEX em Cabedelo-PB. Outro professor muito marcante foi e ainda é Romeu, que com sua história de vida e amor pelo que faz motiva vários alunos da minha antiga turma a buscar objetivos distantes de horizontes vastos, já que podemos ir além do Brasil.

Uma professora que chegou ganhando a confiança de todo mundo foi Liane dos olhos azuis. Isso não foi uma tarefa fácil, mesmo que ela não tenha conhecimento dessa parte, ela chegou à minha turma com a missão de substituir uma professora incrível que todos adoravam e ela conseguiu com perfeição. Com seu carisma ela motiva os alunos e ganha a confiança até mesmo dos pais. No meu último ano de ensino técnico ela pôs em prática o *I Simple*, que mostrou pra todos os seus “babies” o quão complicado e gratificante é realizar um projeto dessa magnitude.

Ao terminar o curso, dei início ao estágio obrigatório no qual usei todo e até mais conhecimento que o adquirido no decorrer do curso, com a orientação dos professores Romeu e Leandro. Todavia, muitas pessoas que trabalham no IFCZ me ajudaram nessa tarefa. O que possibilitou a realização do estágio”.

Este segmento é ilustrativo de como os professores são influenciadores da prática, das escolhas e das decisões dos alunos, representados em três cenários: a equipe de robótica, o evento de línguas estrangeiras (*I SIMPLE*) e o estágio supervisionado. Ezio cita quatro professores que fazem parte da sua formação acadêmica: três da área de Exatas e uma da área de Humanas, o que é relevante quando se pensa nas disciplinas meio e fim⁷ de uma instituição como o IFPB. É importante ressaltar como a construção do aluno mobiliza vários esforços, não apenas os técnicos voltados para a profissão diretamente, mas os da humanização e da cidadania, enxergando o homem não apenas como trabalhador, mas como ser humano, com suas capacidades, habilidades, desejos, sucessos e fracassos.

Sob esse ponto de vista, concebemos o IFPB como um espaço formativo, no qual experiências, saberes e conhecimentos são construídos e compartilhados, em busca do desenvolvimento profissional e humano dos alunos e daqueles que estão inseridos no processo de ensino e aprendizagem.

Diante dessa perspectiva de análise, seguimos para as considerações finais.

5 VOZES FINAIS

⁵ É importante salientar que o papel do professor é o de professor, cabendo a cada personagem do sistema educacional assumir a sua responsabilidade, suas tarefas e deveres.

⁶ Todos os nomes citados por Ezio nesse segmento são reais, pois acreditamos que assim, reconhecemos o trabalho desses profissionais, parabenizando-os pela dedicação e responsabilidade para com o aluno, a instituição e a educação.

⁷ Língua Inglesa é uma disciplina meio, enquanto que todas as técnicas são consideradas como fim.

Em suma, o que me fez voltar para o IFCZ foram as oportunidades de crescimento que se encontram aqui, as pessoas incríveis, o cuidado por parte da instituição que faz com que a gente se sinta como uma grande família e acima disso, eu sou feliz aqui. (Ezio)

Deixar vir à tona as percepções do aluno acerca das suas vivências pessoais e educacionais, por meio da linguagem, oportuniza reflexões acerca da realidade dos alunos do campus Cajazeiras, bem como do trabalho docente desenvolvido, na medida em que, ao tomar essas representações como subsídios para um redimensionamento do modo de compreender as práticas pedagógicas desenvolvidas, possa promover, de maneira significativa, a aprendizagem discente.

Conhecer os alunos, os motivos pelos quais ingressam nos cursos do IFPB, as dificuldades que enfrentam para permanecer no curso, o modo como se percebem e são percebidos no contexto da escola e da sala de aula são informações, se compreendidas e valorizadas, podem contribuir significativamente para a definição de propostas educativas futuras, que pretendam tomar como ponto de partida as especificidades dos sujeitos discentes.

Embora não neguem a importância do IFPB como um caminho de oportunidades, os dois alunos colaboradores expressam que, para permanecer no curso e concluir a formação, é necessário enfrentar uma série de desafios, tanto de ordem pessoal – desmotivação, condições financeiras, distância da escola – quanto àqueles relacionados ao contexto escolar – metodologia inadequada, conteúdos vastos, avaliações rígidas, relação frágil entre professor e aluno, o que demanda a criação de diferentes estratégias para driblar esses obstáculos. Nesse contexto, o apoio dos professores diante das dificuldades apontadas influencia, segundo eles, na decisão de permanência no curso.

De suas vozes foi possível extrair algumas pistas que podem ser convertidas em sugestões para a permanência dos discentes nos cursos no âmbito do IFPB, como a necessidade de a instituição criar uma política interna de formação continuada para os docentes, definir horários fixos para planejamento didático-pedagógico, com vistas à adoção de uma prática pedagógica que atenda às especificidades do público atendido e investir na divulgação dos cursos para evitar que muitos alunos façam inscrição para aqueles que não têm qualquer afinidade.

Reverberar as vozes dos alunos, empoderando-os, contribui na busca constante por melhorias na formação acadêmica, profissional e humana desses indivíduos, dos professores, dos pedagogos, dos psicólogos e dos gestores, pois compreender que toda realidade pode ser observada sob ângulos diversos e que cada elemento tomado para análise pode ajudar a esclarecer partes dessa realidade, permite que façamos mais do que a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade: façamos seres humanos responsáveis, críticos, trabalhadores e felizes!

REFERÊNCIAS

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismosociodiscursivo**. São Paulo:Educ,1999.

_____. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

CELANI, Maria Antonieta Alba Celani. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In. SIGNORINI, Inês e CAVALCANTI, Marilda C. (orgs.). **Linguística Aplicada e**

transdisciplinaridade: questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; et. al. **Didática e Docência: aprendendo a profissão.** Brasília: Liber Livros, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GUÉRIN, F. [et al.]; **Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia.** tradução Giliane M.J. Ingratta. Marcos Maffei. São Paulo: Blucher: Fundação Vanzolini, 2001.

GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos, Anna Rachel MACHADO e COUTINHO, Antónia (orgs.). **O interacionismo socio discursivo: questões epistemológicas e metodológicas.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

(UN)CERTAINTIES OF TECHNICAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION IN STUDENTS' VOICES

Abstract: *This work, based on Applied Linguistics and Pedagogy, aims via transdisciplinary dialogue, to analyse how representations about personal and academic experiences from students of Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) can enhance engineer-professor's work understanding. For such purpose, we use the theoretical support of the Sociodiscursive Interactionism, which analyses human representations through texts. We also use main concepts from Pedagogy, such as: teacher-student interaction, teaching and learning process and teacher's work. Our corpus is formed by two texts produced by two students from campus IFPB-Cajazeiras, in which they wrote about their process of decision for technical and technological education, their relation with teachers/professors and their most difficult moments. For analysis, we use the thematic contents as our guideline in a descendant approach, which allows us to understand the text through themes. So, we identified the necessity to listen and interpret students' voices in order to avoid school dropout, improve academic performance and contribute to their professional and personal development. Besides that, actions directed to work and teacher's formation are being proposed, such as a new perspective to the didactic-pedagogical meetings, the development of specific formation for this educational context and the offering of more information about the courses to the students.*

Key-words: *Applied Linguistics. Pedagogy. Sociodiscursive Interactionism. Students. Teacher's work.*